

O que acontece
quando o amor está
no limite entre o prazer
e o sofrimento?

Mais de
4,5 MILHÕES
de visualizações
on-line

desejo
proibida

SOPHIE JACKSON





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para mamãe, minha heroína.
Estou em dívida eterna com você.

PRÓLOGO

“A libra de carne que ora exijo
foi comprada muito caro; pertence a mim, e hei de tê-la.”

O mercador de Veneza, ato 4, cena 1

O som apressado dos pés deles na calçada correspondia às batidas frenéticas do coração dela, e o modo como o pai segurava apertado sua mão era quase doloroso. Suas pernas curtas, de uma menina de 9 anos, tinham dificuldade em acompanhar os passos dele, fazendo-a tropeçar e quase correr para manter o ritmo. O maxilar dele estava contraído como ela nunca vira e seus olhos, em geral tão radiantes e despreocupados, se encontravam tão escuros e raivosos quanto o céu acima deles. Ela sentiu vontade de chorar.

Um barulho atrás deles a fez se virar. De um beco saíram cinco homens encapuzados que, apesar de manterem a cabeça abaixada, acompanhavam as passadas velozes de seu pai, perseguindo-os como animais selvagens.

O pai talvez tenha dito palavras reconfortantes para aliviar o pânico que arrepiava seu pescoço, mas o medo logo se justificou quando ambos foram cercados e algo duro atingiu e derrubou seu pai, levando-a junto com ele. Desorientada, com os joelhos ardendo por terem raspado no concreto da calçada, ela olhou para cima e gritou quando um bastão de beisebol atingiu as costas do pai duas vezes, com um som assustador.

Ela não viu de onde veio a mão que bateu com força em seu rosto, fazendo-a rolar em direção à rua e ficar totalmente atordoada enquanto ouvia o berro furioso do pai ressoar em seus ouvidos. Ele se pôs de pé, cambaleante, e se atirou sobre os agressores. Ela observou horrorizada a chuva de socos, pontapés e pauladas que ele levou em retaliação.

Em meio às agressões que sofria e aos berros para que entregasse a carteira, o pai gritou que ela corresse. Implorou que se afastasse, mas ela ficou ali, congelada. Como ele podia pedir que ela fosse embora? Tinha que ajudá-lo,

salvá-lo! Lágrimas escorriam por seu rosto e um choro descontrolado explodiu de sua garganta.

Ele gemeu em agonia quando outro punho acertou sua cabeça e seus joelhos se dobraram, atingindo o chão enquanto ela caminhava na direção dele. E, antes que o alcançasse, seu braço foi inesperadamente puxado na direção oposta. Ela choramingou aliviada, esperando ver um policial ou algum segurança do pai – mas era alguém não muito maior que ela, usando um capuz preto e sujo.

Quando ele começou a arrastá-la para longe dali, ela se debateu e gritou para que a soltasse. Será que ele não percebia que o pai precisava dela, que com certeza iria morrer sem sua ajuda? Mas o estranho continuou em frente, puxando-a rua abaixo até a porta de um edifício abandonado, a duas quadras de onde o som pavoroso de um tiro tomou conta do ar.

Ela gritou pelo pai e, livrando-se da mão de seu salvador com um empurrão forte, saiu correndo em direção ao local do ataque. Não tinha ido muito longe quando foi dominada por mãos fortes que a imobilizaram no chão. Ela continuou berrando, lutando com todas as forças que tinha, mas logo seu corpo ficou exausto e seus lamentos e gritos se tornaram soluços desolados, murmurados no chão frio sob sua testa.

O peso em cima dela desapareceu e duas mãos a levantaram, reconduzindo-a ao edifício abandonado. Ela se apoiou em quem a salvara e chorou de dor em seu capuz sujo. Precisava retornar para seu pai. Precisava ver que ele estava bem. Ele *tinha* que estar bem. Um braço em torno de seu ombro e uma mão gelada em sua bochecha a abalaram, e ela murchou ainda mais nos braços de seu salvador desconhecido.

Ela deve ter permanecido daquele jeito por horas; talvez tenha até pegado no sono. A próxima coisa de que tinha consciência era de ser carregada por um homem barbudo em direção a uma ambulância. Ela abriu os olhos inchados pelo choro e viu policiais e paramédicos rodeados por um mar de luzes vermelhas e azuis piscantes.

Suas expressões, que a assombrariam pelo resto da vida, lhe diziam inequivocamente que o pai não a colocaria para dormir naquela noite.

Nem em nenhuma outra.

1

Wesley James Carter, detento da penitenciária Arthur Kill e verdadeiro *bad boy*, sorriu ironicamente para o guarda que ao longo dos últimos dez minutos lhe perguntava qual era o seu número de interno. Dizer que o comportamento insolente e a expressão divertida de Carter deixavam o homem gordo e careca agitado seria eufemismo. O cara estava quase espumando pela boca.

Era sexta-feira e já fazia cinco minutos que o guarda havia batido o ponto de saída.

Mais um motivo para Carter ser um babaca folgado.

O guarda passou a mão impaciente pela nuca roliça e seus olhos cansados se estreitaram.

– Escute aqui – disse ele em um tom baixo e ameaçador, que sem dúvida funcionava como uma faca na garganta dos outros detentos. – É muito simples. Você me dá o seu número. Eu coloco neste formulário que tenho que preencher para o seu conselheiro aqui na penitenciária e aí posso ir para casa.

Carter ergueu uma sobrancelha, desafiadora, e ficou olhando para aquele panaca atarracado.

Sem se amedrontar, o guarda se recostou na cadeira giratória.

– Você não me dá o seu número e minha mulher fica furiosa. Ela fica furiosa e eu vou ter que explicar que um delinquentezinho metido me fez ficar esperando. Aí ela vai ficar mais furiosa ainda, berrando que o dinheiro dos nossos impostos é que garante três refeições diárias e macacões para perdedores como você. – Ele se sentou mais para a frente. – Então, última vez. Número.

Carter olhou com indiferença para o punho do guarda segurando o cassetete acoplado ao cinto e deu um suspiro longo e entediado. Qualquer outro dia, ele estaria pronto para fazer aquele idiota perder a cabeça; ele seria espancado com um sorriso no rosto. Mas, hoje, ele não estava no clima.

– 081056 – respondeu Carter friamente, incapaz de resistir a uma piscadela.

Com uma carranca raivosa, o guarda anotou o número no formulário, aí rodou a cadeira até uma assistente administrativa jovem e loura e lhe entregou o papel. Aquele gordo arrogante era preguiçoso demais para levantar e dar seis passos.

Carter esperou enquanto a loura digitava o número que praticamente tinha se tornado seu nome adotivo nos últimos dezenove meses. Ele sabia quais acusações apareceriam no monitor: arrombamento de carro, porte de arma, posse de drogas, conduta desordeira e embriaguez, só para citar algumas. Ao contrário do que pensavam, ele não se orgulhava da lista de crimes e delitos que podia encher duas telas inteiras. Mesmo assim, aquilo dava a ele um senso de identidade, algo que ele procurara desinteressadamente por quase todos os seus 27 anos de vida. Ele ainda estava à procura e, até que encontrasse aquela *coisa*, a lista era tudo o que ele tinha.

Tanto faz.

Ele esfregou a mão nos cabelos raspados. Estava cansado de pensar naquilo.

O barulho do papel sendo rasgado numa antiga impressora o trouxe de volta à Terra.

– Bom, Sr. Carter. – O guarda suspirou. – Parece que sua estadia conosco vai se estender por mais dezessete meses. Por ser pego com cocaína.

– Não era minha – disse ele secamente.

O guarda o fitou com uma expressão nada sincera de compaixão antes de sorrir.

– Que peninha.

Carter não respondeu, ciente de que, dali a poucas semanas, entraria com o pedido de liberdade condicional, e pegou logo o formulário.

Ladeado por outro guarda de cara fechada, Carter passou pela mesa e atravessou um corredor longo e estreito em direção a uma porta branca, que ele abriu com um tapa barulhento. O recinto era claustrofóbico e árido e fedia a confissões. Apesar das muitas horas que ele tinha passado naquele lugar desolador, ainda sentia o pulso acelerar e as mãos suarem.

Com as costas eretas e os ombros firmes, ele andou em direção à mesa de madeira barata onde um homem grande como um gorila sorria enquanto Carter se aproximava.

– Wes – Jack Parker, seu conselheiro, o cumprimentou. – Que bom ver você. Por favor, sente.

Carter enfiou as mãos nos bolsos do macacão e desabou desajeitadamente na cadeira. Jack era a única pessoa que o chamava pelo primeiro nome. Todos os outros o chamavam de Carter. Jack tinha insistido naquilo, explicando que era a única maneira de eles dois conseguirem construir um relacionamento de confiança.

Carter tinha explicado que aquilo era um monte de merda.

– Tem cigarro?

Carter olhou com desdém para o guarda parado na porta do outro lado do recinto.

– Claro.

Jack jogou uma carteira de Camel e uma caixa de fósforos na mesa.

Os dedos longos e pálidos de Carter lutaram contra a embalagem. Fazia dois dias desde seu último cigarro. Ele estava desesperado. Dois fósforos quebrados e uma série de palavrões depois, ele finalmente inalou a fumaça densa e inebriante. Fechou os olhos, prendeu a respiração e, por uma fração de segundo, tudo estava certo no mundo.

– Melhor? – perguntou Jack com um sorriso sagaz.

Soprando a fumaça por cima da mesa, Carter confirmou com a cabeça.

E ficou impressionado ao ver que Jack resistiu ao desejo de abanar a fumaça para longe. Ambos sabiam que, se fizesse aquilo, encorajaria Carter a fazer de novo; ele se apegava a qualquer sinal de fraqueza ou irritação com a tenacidade de um terrier.

Era um mecanismo de defesa, aparentemente.

Eles haviam discutido isso em uma de suas primeiras sessões. O mecanismo era tão bem executado que Carter parecia forte, dominante e – a maioria dos funcionários e detentos da Arthur Kill haveria de concordar – intimidador pra caramba.

Jack pegou um arquivo de quase 20 centímetros de espessura em sua maleta e abriu, folheando os inúmeros relatórios, declarações da justiça e depoimentos que, ao longo dos anos, descreviam Carter como uma “ameaça à sociedade”, de “personalidade forte” e um “indivíduo inteligente que não possuía a autoconfiança para reafirmar e canalizar isso de maneira correta”.

Mais uma vez, tanto fazia.

Carter estava cansado de ouvir quanto potencial tinha. Sim, ele era inteligente e muito leal às pessoas de quem gostava, mas, até onde podia se lembrar, simplesmente parecia não conseguir encontrar o caminho certo. Durante toda a vida, ele tinha estado à deriva, nunca se sentindo bem-vindo ou confortável em um lugar por muito tempo, lidando com sua merda de família e amigos que não conseguiam ficar longe de encrenca por mais que cinco minutos.

Ao menos na prisão, a porra toda era simples. Problemas da vida real eram como mitos urbanos contados por aqueles que vinham fazer visitas de vez em quando. Não que Carter recebesse muitas visitas.

Jack foi até a última página do arquivo e escreveu a data no topo da folha em branco, então apertou o botão do pequeno gravador digital que estava entre eles e começou a gravar.

– Sessão 64, Wesley Carter, detento número 081056 – disse Jack com voz monótona. – Como você está hoje?

– De boa – respondeu Carter, apagando o cigarro enquanto acendia outro.

– Ótimo. – Jack fez uma anotação curta no papel à sua frente. – Então, ontem eu compareci a uma reunião relativa à sua participação em alguns cursos aqui na penitenciária.

Carter revirou os olhos. Jack ignorou.

– Sei que você tem opiniões formadas sobre esse assunto, mas é importante que faça atividades que sirvam como um desafio para você enquanto estiver aqui.

Carter jogou a cabeça para trás e franziu a testa para o teto. Desafio? O lugar todo era a porcaria de um desafio. Era um desafio superar cada dia sem perder a cabeça com alguns dos idiotas daquele lugar.

– Há algumas opções – continuou Jack. – Literatura inglesa, filosofia, sociologia. Eu expliquei ao Sr. Ward e aos especialistas em educação que, apesar de você ter tido problemas com seus ex-tutores, você não é mais o mesmo garoto que largou a escola aos 17 anos. Certo?

Carter deu uma olhada cética para ele.

Jack colocou as pontas dos dedos debaixo do queixo.

– O que você gostaria de estudar?

– Tanto faz. – Carter deu de ombros. – Eu só queria que me deixassem na minha, porra.

– Tudo faz parte das condições para ter uma chance de liberdade condi-

cional antecipada. Você precisa mostrar progresso na sua reabilitação. E, se frequentar alguns cursos enquanto está aqui pode ajudar nisso, então você tem que entrar na dança.

Carter sabia que ele tinha razão e aquilo o deixava furioso. Desde os 15 anos, ele passava de um advogado para outro, de um oficial de condicional e de um conselheiro para o seguinte, sem ideia de como ou se um dia faria algo mais significativo com sua vida. E Carter não fazia a mínima ideia do que fosse “significativo”.

Mesmo assim, depois de dezenove meses em Arthur Kill, ele estava começando a pensar que passar o resto de seus dias preso não era uma perspectiva tão atraente quanto tinha pensado a princípio.

Quando era um adolescente teimoso, arrogante e agressivo, ele curtia ter tal reputação. Agora, a animação e o entusiasmo haviam minguado. Tribunais, centros de detenção e prisões não eram mais novidade e ele estava ficando entediado com a justiça como um todo. Se não mudasse as próprias merdas, passaria dos 30 tentando imaginar o que tinha acontecido com sua vida.

Jack pigarreou.

– Você teve alguma visita recentemente?

– Paul veio na semana passada. Max vai vir na segunda.

– Wes – suspirou Jack, tirando os óculos –, você precisa tomar cuidado com o Max... Ele não é bom para você.

Indignado, Carter bateu a mão na mesa.

– Você acha que tem o direito de falar uma merda dessas?

Carter sabia que Jack considerava Max O’Hare uma doença, infectando todo mundo à sua volta com seus problemas com drogas, seu longo histórico criminal e sua habilidade de afundar os amigos na merda – o fato de Carter estar em Arthur Kill era um desses casos. Mas Carter devia muito a Max. Estar na prisão era simplesmente quitar uma dívida, e ele faria de novo sem pestanejar.

– Não – abrandou Jack. – Não é isso que acho, de jeito nenhum...

– Então, ótimo – interrompeu Carter. – Porque você não tem a menor ideia do que o Max passou, do que ele ainda passa. A menor ideia!

Ele deu uma tragada longa no cigarro, encarando Jack por cima da brasa.

– Sei que ele é seu melhor amigo – disse Jack após um momento de silêncio tenso.

– Sim – concordou Carter com um aceno firme de cabeça. – Ele é.

E pelo que Carter tinha ouvido dos caras que tinham vindo visitá-lo, Max precisava dele agora mais do que nunca.

■ ■ ■

Mesmo quando Kat Lane estava dormindo, o mundo à sua volta era sombrio e opressor, enchendo seus sonhos de medo. Suas mãos pequenas agarraram os lençóis, torcendo-os em desespero. Seus olhos fechados se estreitaram e seus pés começaram a se mexer enquanto dormia, à medida que ela se percebia correndo, apavorada, por uma viela escura.

Um gemido saiu de sua garganta, enquanto via as imagens ininterruptas daquela noite quase dezesseis anos atrás.

– Por favor – choramingou ela no escuro.

Mas ninguém viria para salvá-la dos cinco homens sem rosto que a perseguiram. Ela se ergueu com um grito, suando e sem ar. Seus olhos percorreram o quarto escuro antes de perceberem onde estavam; ela os fechou e colocou as mãos no rosto. Com a garganta dolorida, suspirou, secou as lágrimas e tentou se acalmar, respirando longa e lentamente.

Tinha acordado assim todos os dias nas últimas duas semanas, e a dor que a atingia cada vez que ela abria os olhos era familiar demais. Ela balançou a cabeça, exausta.

A médica advertira que não parasse de tomar os comprimidos para dormir de uma vez só, mas que diminuísse a dose gradativamente. Kat tinha ignorado o conselho dela, determinada a conseguir passar uma noite sem o auxílio de remédios. Parecia que sua determinação tinha se esgotado. Ela bateu com o punho no colchão, frustrada, e então acendeu o abajur na mesa de cabeceira. Mas a luz não amenizou o medo e o completo desamparo que os pesadelos traziam.

Com um suspiro de derrota, ela se levantou e foi até o banheiro, piscando por causa das luzes ofuscantes. Deu uma olhada em seu reflexo no espelho e franziu a testa. Jesus, ela aparentava ter muito mais que 24 anos. Seu rosto parecia cansado; os olhos verdes, entorpecidos e sem vida. Ela passou os dedos pelas olheiras em torno deles, depois correu a mão pelo cabelo. Em vez do ruivo volumoso de costume, estava fraco e seco, pouco abaixo dos ombros.

Sua mãe falara que ela havia perdido peso, mas Kat tinha ignorado aquelas palavras. Ela sempre tinha que fazer algum comentário.

Kat não era nem um pouco magricela – sempre foi mais curvilínea do que pele e osso –, mas suas calças jeans tamanho 38 realmente andavam mais largas nos últimos tempos.

Ela abriu o armário e pegou um frasco de comprimidos. Ansiava pela noite em que não precisaria depender de remédios para dormir. Não que os comprimidos ajudassem muito; eles apenas entorpeciam uma dor que nunca desapareceria. Depois de tomar duas pílulas azuis, ela se arrastou pelo piso de madeira de volta para a cama.

Kat tinha percebido havia muito tempo que não existia sono profundo o suficiente para escapar dos pesadelos. Estavam enraizados, eram parte dela; nunca conseguiria se livrar deles. Sabia que nenhuma pílula ou terapia jamais apagaria a escuridão e a dor dentro de si. Ela havia se tornado uma mulher impetuosa e de personalidade forte. Era uma maneira segura de manter outras pessoas a distância, escondendo seu desespero e seu medo por trás da sagacidade e de uma língua afiada.

Ela afundou nos travesseiros de penas. Será que algum dia tudo aquilo ficaria mais fácil?

Kat não sabia. Só conseguia se concentrar no fato de que o nascer do sol significaria um novo dia, mais um para se distanciar de seu passado.

2

Na manhã seguinte, Kat entrou em seu carro, estacionado do lado de fora do seu prédio no SoHo. Os pesadelos sempre a deixavam triste e tensa, pensando em por que diabos tinha aceitado um emprego para dar aulas em uma prisão.

Quando começara a dar essas aulas, havia pouco mais de um mês, os pesadelos voltaram e os conflitos com sua mãe se acirraram. O relacionamento delas sempre teve altos e baixos, mas, quando Kat ligou para contar que ia trabalhar em Arthur Kill, a discussão que se seguiu foi a mais terrível que já tiveram. Eva Lane era uma mulher complicada e teimosa e jamais entenderia a necessidade de Kat de aceitar aquele emprego.

Kat compreendia as preocupações da mãe e de alguns amigos. Apesar de não haver assassinos entre os que estavam lá, os crimes cometidos por eles eram bastante preocupantes: vandalismo, roubo de carro, uso e posse de drogas. Contudo, tinha certeza de que era isso que queria fazer. Porque, lá no fundo, uma promessa feita ao pai ecoava em sua alma.

Uma promessa que tinha estado lá desde que seu pai morrera. Estava lá no dia em que ela terminara o ensino médio e no dia da formatura da faculdade de Literatura Inglesa. Dar aulas era o que Kat queria fazer desde criança, e ela havia amado cada segundo.

Ela tivera a sorte de viajar para Londres e para a China, lecionando em escolas particulares que a fizeram se apaixonar ainda mais pela profissão. Fez amigos, vivenciou outras culturas e construiu relacionamentos enriquecedores que nunca acabariam. Apesar disso, no fundo ela sabia que trabalhar em escolas que lhe pagavam 50 mil por ano não significava cumprir a promessa que tinha feito. Crianças talentosas e empenhadas não eram exatamente aquelas que ela deveria ajudar.

– Nós temos que retribuir, Katherine – dissera seu pai na noite em que morreu.

Ela havia considerado trabalhar em uma escola no centro histórico da cidade, mas essa opção também não aliviara o sentimento de dever. Trabalhar em um presídio, sim.

Precisava ficar perto de seus temores, perto de homens que não se importavam muito em burlar a lei, em virar a vida das outras pessoas de cabeça para baixo sem nunca considerar as consequências. Precisava se aproximar para entender o que tornava uma pessoa capaz de tal comportamento. Ela odiava o próprio medo; odiava a raiz dele e sabia que tinha que encará-lo – mesmo estando apavorada.

Sua terapeuta tinha ficado bastante preocupada com a decisão e perguntava constantemente se Kat estava feliz com a escolha, se achava que aquilo era mesmo o certo a fazer e por quê. Chegara a usar as preocupações de sua mãe para tentar dissuadi-la.

Mas aquela era uma escolha de Kat – e de mais ninguém. E uma vez que a decisão foi tomada, não havia volta. O que quer que acontecesse, o que quer que sua mãe dissesse, ela arcaria com as consequências, pois sabia o que aquilo significaria para seu pai.



O prédio da Arthur Kill, em Staten Island, parecia ter saído diretamente de um episódio da série *Prison Break*. Guardas com cães enormes e raivosos patrulhavam torres de observação altas protegidas por cruéis cercas de arame farpado.

Kat foi até os portões do estacionamento e esperou pelo policial que estava de serviço. Depois de pegar a identidade dela, ele desapareceu na sala de controle e logo retornou, direcionando-a para o edifício sombrio onde ela trabalhava.

Após estacionar, Kat deu uma olhada para a esquerda e viu um grupo grande de detentos jogando basquete atrás de uma cerca enorme de metal. Com os macacões verdes amarrados na cintura, seus peitos cobertos de suor brilhavam sob o sol quente do verão. A caminhada do carro até o edifício parecia de quilômetros, ainda mais ao som dos assobios e as cantadas que vinham da quadra de basquete.

Ela apressou o passo e agarrou a maçaneta da porta gigantesca como se fosse uma tábua de salvação. Lá dentro, foi recepcionada por um risinho

baixo. Kat ergueu os olhos e viu Anthony Ward, o narcisista diretor da penitenciária.

Ward tinha seus 30 e tantos anos e um rosto redondo e jovial. Os cabelos estavam penteados com tanto gel que devia estar sufocando os fios. Ele fitou Kat com seus olhos cinza-escuros e um sorriso rápido que revelou uma covinha funda em sua bochecha esquerda.

– Srta. Lane – disse ele, estendendo a mão.

Kat a ignorou e tentou se recompor passando a mão pela saia grafite na altura dos joelhos.

– Sr. Ward.

Retirando a mão com um aceno de rosto envergonhado, ele ficou muito ereto, na tentativa de parecer mais alto. Kat percebeu que ele fazia isso com frequência, principalmente perto dos detentos. Não funcionava. O pobre homem tinha nascido atarracado.

– Então – começou ele. – Como está? Se adaptando bem?

Kat sorriu.

– Sim. Acho que sim.

As aulas dela tinham sido bem tranquilas até então. E seus alunos haviam parado de usar palavrões como se fossem vírgulas ao falar com ela.

Ward ajustou a gravata.

– Ótimo. Bem, não se esqueça de que vou assistir à sua aula esta manhã. E, se precisar de alguma coisa, é só vir falar comigo.

– Farei isso. Obrigada.

Ela passou por ele, ignorando a maneira como seus olhos se fixaram em seus seios. As tendências lascivas e a inabilidade de Ward de enxergar os detentos como qualquer outra coisa que não lixo a irritavam. Ele não acreditava que os presos pudessem se aprimorar enquanto estavam encarcerados, e isso fazia com que a função de Kat ali parecesse inútil. Como resultado, ela o evitava o máximo que podia.

Quando Kat entrou na sala de aula, ficou agradecida pela brisa gelada do ar-condicionado. O restante do presídio parecia uma sauna. Prendendo os cabelos num coque, ela se virou quando sua assistente, Rachel, entrou, parecendo ansiosa.

Ela bufou por entre os lábios manchados de vermelho-cereja.

– Jesus, está quente como o inferno hoje – reclamou Rachel, puxando e soltando a camiseta em uma tentativa inútil de se refrescar.

Rachel tinha sido sua salvadora desde o começo. Especializada em dar assistência aos detentos com dificuldades de aprendizado, ela ajudara Kat a conhecer seus alunos rapidamente – em especial Riley Moore, um grandalhão de personalidade excêntrica que sofria de uma dislexia terrível. Não que isso o tivesse impedido de se formar em Administração pela Universidade de Nova York.

Riley era um de seus alunos preferidos. Preso por vender peças de automóveis roubados, sua estatura de 1,90 metro e os ombros largos botariam Atlas no chinelo. Ele era engraçado e flertava descaradamente com as duas jovens. Ao contrário de Ward, contudo, Riley era charmoso e proferia cada palavra com certa ironia. Era difícil não se encantar com as insinuações implacáveis, porém inofensivas, que vinham do dono daqueles alegres olhos cor de mel e rosto barbudo angelical.

Havia outros quatro alunos na sala; todos se mostravam muito empenhados e tentavam se manter na linha. Kat tinha bastante orgulho de como havia conseguido discipliná-los. O progresso deles era fantástico.

Dois minutos depois das nove, a voz estrondosa de Riley quebrou o silêncio. Kat sorriu quando se virou para olhar para ele, acompanhado por um guarda e seguido dos outros alunos.

– Srta. L! – gritou ele, erguendo a mão para bater na dela. – Bom fim de semana?

– Foi ótimo, Riley. Obrigada. E o seu?

– Ah, você sabe. – Ele deu de ombros. – Causando confusão aqui e ali, fazendo os cabelos do Ward caírem mais a cada dia.

Kat reprimiu o riso enquanto Ward entrava na sala com os outros alunos: Sam, Jason, Shaun e Corey. Jason sorriu meigamente por debaixo dos cabelos castanhos desgrenhados, enquanto Corey e Shaun ergueram o queixo como forma de cumprimento. Sam correu até sua carteira e se sentou sem lhe fazer nenhum gesto. No começo, isso deixava Kat chateada, mas agora ela aceitava aquilo como parte da rotina que eles tinham construído. Uma rotina que, como Rachel havia explicado, era de extrema importância para os homens da Arthur Kill. Para muitos deles, uma programação era tudo o que tinham para se manter sãos. Ignorando Ward no fundo da sala, Kat deu início à aula, revisando a anterior e pedindo aos homens que descrevessem seus lugares favoritos usando metáforas e personificações. Eles começaram a escrever em silêncio.

- Muito bem – disse ela, chamando a atenção da classe de volta para si.
- Quem é o corajoso que vai ler a redação em voz al...

A porta da sala foi aberta com tanta força que esmurrou a parede. Um guarda irritado, ofegante, olhou para Ward, que se levantou na hora.

- Desculpe interromper, senhor – arfou o guarda. – Mas temos uma situação na sala seis.

- Quem? – ralhou Ward, atravessando a sala furioso.

- Carter, senhor.

Os olhos de Ward se estreitaram e sua boca se comprimiu em uma linha fina. Quando a porta bateu atrás dele e do guarda, Kat deu uma olhada em torno da sala.

- Carter? – perguntou ela.

Riley riu alto, imediatamente eliminando a tensão que Ward sempre deixava em seu rastro.

- Carter. Caramba. Esse menino não muda nem fodendo.

3

– Você não tem dormido bem, né?

Ben, um dos amigos mais próximos e mais irritantemente observadores de Kat, sorriu meio triste enquanto o garçom colocava um *espresso* triplo diante dela.

Apesar dos inúmeros bocejos que ela conteve durante todo o jantar, Kat sabia que estava um caco. Nem mesmo sua maquiagem Estée Lauder conseguia esconder o cansaço em torno de seus olhos. Além disso, ele a conhecia havia seis anos e nada passava despercebido por ele.

– Eu tentei – respondeu ela, sacudindo um pacotinho de adoçante.

– Ainda está tendo pesadelos? – perguntou Beth, do lado esquerdo de Kat.

Beth e Kat eram amigas desde o ensino médio, e, embora Beth tivesse retornado a Nova York havia apenas alguns meses, depois de passar quatro anos dando aulas no Texas, elas tinham retomado facilmente sua amizade.

Era bom tê-la por perto de novo, completando o trio de amigos, apesar de a preocupação dos dois ser um tanto sacal. Kat sabia que ambos tinham boas intenções, mas isso, somado à inquietação da mãe em relação ao seu trabalho, estava se tornando exaustivo.

Ben meneou a cabeça.

– Você sabe que pode me ligar a hora que quiser.

Como irmãos protetores, ele e Beth se ofereciam para passar a noite com Kat quando os pesadelos atacavam ou colocavam uma cama à disposição dela em suas casas; mas ela sempre recusava.

– E acordar você e a Abby? – perguntou Kat, erguendo os ombros. – Por que eu ligaria para vocês?

– Porque somos seus amigos e nos preocupamos com você – respondeu Beth antes de enfiar uma grande colherada de *crème brûlée* na boca.

– Ainda mais com esse emprego – complementou Ben.

Kat o encarou.

– Não comece.

Ben ergueu as mãos.

– Quem está começando?

Kat girou a colher dentro de sua xícara.

– Esse emprego...

– É importante para você, nós sabemos – interrompeu Beth. Ela estava um pouco mais perspicaz do que no ensino médio, mas os olhos castanhos e o cabelo louro-acinzentado de corte maluco mostravam que ela ainda era a mesma menina que Kat conhecia havia anos. – Mas nos preocupamos mesmo assim.

Ben colocou a mão sobre a de Kat.

– Você tem muita coisa pela frente nos próximos meses.

Kat baixou os olhos e fitou a mesa.

– O aniversário da morte do seu pai não está longe. Só saiba que eu e a Abby estamos aqui, ok? Nós amamos você.

– Eu amo você! – Beth sorriu. – Apesar de o Adam ter me comprado uma aliança, você sabe que sempre vai ser minha número um.

Ela agitou o dedo no qual trazia aquele anel de noivado com um diamante quadrado maravilhoso.

Kat tentou sorrir.

– Eu sei. Obrigada, vocês dois.

Ben ofereceu seus serviços:

– E lembre-se: sou advogado. Se qualquer um naquele lugar atazanar sua vida, estou à sua disposição. Você sabe que eu conseguiria descobrir os podres do papa se você precisasse.

Ben e Kat riram. Aquilo provavelmente era verdade. Ben ganhara muitas de suas causas através de favores e determinação ferrenha, investigando sujeiras a fundo. Farejava escândalos e extorsões como um cão de caça.

– Ei, sua mãe ligou? – perguntou Beth.

Kat suspirou fundo.

– Três vezes só na noite passada.

Beth ergueu a sobrancelha.

– Ela ligou para mim também. Está preocupada, só isso.

Kat sussurrou sarcasticamente.

– Olha, eu sei que você joga no time da minha mãe...

– Não jogo no time de ninguém – retrucou Beth. – Eu apenas entendo seus motivos. Deve ser difícil para ela.

Kat se irritou.

– Difícil para *ela*? Ela está no meu pé desde que eu aceitei essa porcaria de emprego. “Não é seguro.” – Ela imitou o tom de voz da mãe. – “Você está colocando sua vida em risco trabalhando com aqueles animais”, blá-blá-blá. – Seus ombros se curvaram. – Por que ela não pode me apoiar?

– As intenções dela são boas. Ela vai superar.

– Claro – respondeu Kat, nem um pouco convencida.

■ ■ ■

Carter acordou; tinha dormido bem. Talvez tivesse se esgotado de ter aprontado para cima de Anthony Ward. Sorriu. Aquele babaca não tinha a menor ideia de com quem estava lidando.

Ele tinha que permanecer na cela até as quatro – faltavam duas horas –, quando seu castigo de 24 horas acabaria. Por ter empurrado uma cadeira contra a parede. Que merda.

Talvez ele tivesse empurrado com mais força do que deveria, mas o professor de filosofia com certeza tinha exagerado. E o Ward? Bom, ele conhecia todos os calos de Carter para pisar.

Jack logo chegou com uma visita reagendada de Max e uma expressão de decepção no rosto, o que fez com que o estômago de Carter revirasse. Ele apreciava o gesto de Jack, considerando o que ele pensava de Max, e, novamente, se repreendeu por ter agido como um babaca com seu conselheiro. Às vezes ele não conseguia ficar de boca fechada.

– Então, suponho que você não tenha gostado de filosofia? – perguntou Jack com um sorrisinho. – Não se deu bem com o Aristóteles, é?

– Não muito.

Jack assentiu com a cabeça e coçou a nuca.

– Por falar nisso, valeu por toda aquela confusão com o Anthony Ward. Fico lhe devendo uma.

– Quanto a isso – murmurou Carter da cama. – Foi mal.

Era o mais próximo de uma desculpa que Jack conseguiria.

– Sim, foi mesmo – concordou Jack. – Caramba, Wes, você é melhor que isso.

Carter suspirou desanimado e puxou os joelhos até o peito.

– O cara estava falando merda, Jack. Ele mereceu.

– Bem, qualquer que tenha sido o motivo, você tem muitas coisas para se redimir.

– Ah, é? – ironizou Carter.

– Sim – respondeu Jack, enfático. – Inscrevi você nas aulas de literatura. Sei que gosta de ler. – Ele apontou para as prateleiras do lado direito da cela, repletas de livros surrados e cheios de dobras nos cantos das páginas. – E a professora é mulher, então talvez não haja tanta hostilidade.

– Hostilidade?

– Você sabe o que quero dizer – respondeu Jack secamente. – Você prometeu que ia tentar, então prove para mim que vai mesmo. Eu tive que bajular aquele filho da pu... – Ele deu uma olhada para o oficial que estava parado a meio metro de distância. – Tive que ter uma conversa amigável com o Ward para dar a você mais uma chance. Não me diga que perdi meu tempo.

Carter se inclinou para a frente, passando a mão pelos cabelos raspados. Estava num beco sem saída. Não era só o pescoço de Jack que estava na reta do Ward, mas o dele também. Não tinha nada que quisesse mais do que espancar aquele panaca arrogante com seu livro de “regras”, mas não podia decepcionar Jack novamente. Ele estava estressado, frustrado.

– Você vai se sair bem – disse Jack em voz baixa, dando um passo em sua direção.

O guarda atrás dele se mexeu também.

– É – murmurou Carter. – Vamos ver, né?

Mesmo após todo aquele tempo dormindo, a fadiga começou a tomar conta dele silenciosamente. As paredes tinham começado e se fechar aos poucos, tornando sua cabeça pesada. Vinte e duas horas trancafiado em uma sala faziam isso com a pessoa. Até mesmo com ele.

– Amanhã de manhã – disse Jack com um aceno encorajador de cabeça.

– A professora é a Srta. Lane. Ela é muito boa. Só tente ser... Só tente, está bem?

– Está bem. – Carter ergueu três dedos. – Palavra de escoteiro.

Jack sorriu.

– E, só para garantir, me certifiquei de que todas as cadeiras da sala de aula foram pregadas no chão.

Carter riu alto.

– Bem pensado, J. – gritou ele antes de o guarda bater à porta da cela, deixando-o sozinho novamente.

■ ■ ■

As últimas duas horas do castigo se passaram em ritmo de lesma, e Carter quase derrubou o guarda no chão quando ele finalmente abriu a porta. Ele esticou os braços para trás, estalou o pescoço e correu em direção ao pátio.

– E aí, Carter?

A voz estrondosa de Riley Moore atravessou a quadra de basquete.

Carter sorriu.

– Moore – respondeu ele, andando em direção ao grandalhão.

– Onde *cê tava*? – perguntou Moore com um tapa no ombro de Carter. – Senti falta dessa sua cara sacana.

– Me dê um cigarro e eu conto tudo.

Riley pegou um cigarro no bolso e riscou um fósforo para Carter. Eles seguiram até uma pequena área com bancos no fundo da quadra.

– Vazem! – rosnou Riley.

Carter soltou uma risadinha quando os dois novatos que estavam sentados no lugar deles se dispersaram como folhas ao vento. Ele se sentou, fechando os olhos por conta do sol que o castigava, deixando a fumaça escapar por entre seus lábios.

– Então, o que rolou? *Tava* tocando uma em algum lugar desde ontem?

– Riley riu e acendeu um cigarro.

– Quem me dera – respondeu Carter, observando o jogo de basquete na quadra. – Não, foi o Ward.

– *Tá* brincando – murmurou Riley, meneando a cabeça.

– Tive um leve desentendimento com um dos nossos professores e ele me pôs de castigo por 24 horas.

– *Tamo* junto, parceiro. – Riley fechou o punho e bateu de leve no de Carter. Eles se conheciam havia anos, tanto dentro quanto fora de Arthur Kill. Se Carter precisasse dele, ele estaria lá.

Ambos se viraram quando ouviram uma série de assobios e cantadas vindos da quadra.

Riley soltou uma risadinha.

– Por falar em professores... – disse ele, erguendo uma sobrancelha.

Carter seguiu os olhos dele pelo gradil e avistou uma mulher ruiva com a bunda mais gostosa que ele já tinha visto. Deliciosamente embrulhada em uma saia preta até o joelho, ela atravessou o estacionamento em direção a um belo Lexus esportivo. Suas pernas lindas desapareciam em sapatos de salto pretos que, do ponto de vista de Carter, eram de causar uma ereção.

– Quem é aquela? – perguntou ele, tentando esconder o fato de que estava quase quebrando o pescoço para ver além dos outros detentos, que se amontoavam no gradil como crianças em um zoológico.

– Aquela é a Srta. Lane – respondeu Riley, debruçando para trás, sobre os cotovelos. – Minha professora de literatura. Ela é legal, na verdade.

Carter soltou uma risadinha.

– Bem, ao menos esse é um ponto positivo.

Ele apagou o cigarro no banco.

– O quê? – Riley franziu a testa, confuso.

Carter gesticulou na direção do carro que tinha desaparecido.

– A professora é um ponto positivo de estudar literatura.

Riley deu um sorriso.

– Vai estudar literatura também?

– Vou – respondeu Carter, revirando os olhos. – Jack quer que eu prove para os superiores que posso “melhorar”. Alguma porcaria relacionada a ajudar a antecipar minha liberdade condicional. Não tenho muitas esperanças disso.

– Me parece uma bosta.

– Concordo – respondeu Carter, recostando-se e erguendo o rosto para o sol escaldante.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br